



Expedito Carlos Stephani Bastos,
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora.
defesa@ufjf.edu.br

O incompreendido legado tecnológico militar brasileiro

O BRASIL vive agora o terceiro ciclo do sonho de se tornar uma potência militar. O primeiro ciclo ocorreu nos anos 1930, o segundo, data dos 1960, mas continuamos sem compreender o legado do período que deveria ter sido de grande e verdadeiro aprendizado – as décadas de 1970 e 1980, quando nos tornamos exportadores de itens que iam desde peças de fardamento, munições e aviões até veículos blindados sobre rodas, exportados a mais de vinte países. Sobram hoje muitos erros e alguns acertos, visto que somos um país que pensa, em nível governamental, num horizonte de quatro anos e, em nível militar, de dois.

O conhecimento que nos permitiu atingir um estágio interessante e promissor surgiu, em grande parte, da área militar, na qual se desenvolveram diversos projetos. Estes culminaram em protótipos, que, repassados à indústria privada, entraram em produção seriada para uso interno e exportação. Seus notórios êxitos de venda tiveram apoio dos governos daqueles anos. Depois, em momento mais delicado, faltou à indústria um apoio crucial para os destinos do setor: o apoio interno.

O histórico do desenvolvimento tecnológico nacional poderia ter sido muitíssimo bem aproveita-



Astros II da Avibrás, o grande sucesso da indústria brasileira...

do, pois não perdemos o principal de nossa capacitação: o fator humano. Mais uma vez, porém, estamos errando por desconhecimento do passado recente, quando, em muitos casos, tínhamos produto nacional superior aos adquiridos de segunda mão de Europa e EUA. E o pior é que, hoje, acreditamos que determinados produtos se tornam montados no país. Assim, confundimos de novo europeização com modernização, como na década de 1920.

Estamos criando conglomerados de defesa que reúnem empresas sem tradição nesse campo, embora excelentes em outros. Tais companhias acabam se associando a

conglomerados estrangeiros especializados na área, que querem vender produtos, e não nos ensinar a fazê-los. O risco é continuarmos na terrível dependência em que estamos nesta área, tão vital para nosso futuro. Nada contra parcerias, que até são bem-vindas. Ocorre que empresas estrangeiras estão adquirindo pequenas empresas brasileiras de importância estratégica, mas seus projetos e produtos acabam absorvidos ou até anulados pelo comprador, que os vê como concorrentes. Isso é preocupante.

Vale destacar que o progresso tecnológico de uma nação é o que determina, em grande parte, sua capacidade econômica. Ambas as áreas são determinan-



...e o caminhão militar Terex UAI M1-50, o maior dos fabricados no país

tes para gerar os recursos que sustentam forças competentes, bem armadas e com a dimensão necessária para garantir os interesses do país. Por isso, não se pode medir o poder de uma nação unicamente pelo tamanho ou pela competência de suas forças armadas. Pesa na balança também uma base econômica forte, com capacidade de produzir e sustentar setores industriais ou comerciais necessários ao domínio e à independência tecnológica de ponta, que muitas das vezes não pode ser adquirida ou repassada em sua totalidade.

Dominamos fragmentos de conhecimentos, que, na maioria das vezes, não se encaixam no conjunto do que está sendo

desenvolvido. Em muitos casos, prestigiamos a indústria estrangeira em detrimento da nacional, adquirindo itens que poderiam muito bem ser desenvolvidos e fabricados localmente. Claro que isso com os investimentos e a garantia de compras mínimas, até porque os empresários vivem de lucros, e não da crença de estar ajudando a nação.

Importarmos equipamentos usados ou novos a baixo custo, tidos como compras de ocasião, mas com extensos contratos de manutenção, que não agregam em transferência de tecnologia. Pelo contrário, nos tornam meros usuários desses produtos, até que, uma década depois, obsoletos,

eles sejam descartados pura e simplesmente, como vem ocorrendo. Compramos, em muitos casos, para atender ao momento. É o que estamos a ver em relação aos grandes eventos que em breve ocorrerão no país. Os prazos para as aquisições necessárias são curtos e impedem que a indústria nacional e os centros de pesquisas civis e militares deem as respostas de que tanto precisamos na área de defesa. Teria sido possível gerar empregos, conhecimentos e divisas para o país, mas... Daí o sério risco de, daqui a vinte anos, estarmos criando o quarto ciclo. Mais uma vez, sem termos aprendido com os outros três.

Até quando? **DI**